

A equivalência em espanhol e em português do vocábulo inglês *ape*, com uma reflexão sobre a incompetência de certos tradutores e lexicógrafos e o decepcionante dicionário da RAE

Carlos Garrido*

Resumen: Desde hace varios decenios, en el castellano de España, incluyendo el propio de la enseñanza y divulgación de la ciencia, está generalizado el uso gratuitamente rupturista, empobrecedor y disfuncional de la voz *simio* con el sentido restrictivo de ‘mono antropoide’, cuando su significado genuino, tradicional y funcional es el de ‘mono’. Tal adulteración semántica se ha debido, principalmente, a una traducción errada de la voz inglesa *ape*, ‘mono antropoide’, cuya raíz, efectos y difusión se analizan en este trabajo. Aunque no con la misma intensidad que en castellano, el *magnetismo exorbitante* que, en su simplicidad y especificidad, el término inglés *ape* ejerce sobre el traductor también origina soluciones traductivas poco satisfactorias en Portugal y en Brasil, deficiencias que se han hecho extensivas a los diccionarios bilingües de inglés/portugués.

Palabras clave: anglicismo, enseñanza y divulgación de la ciencia, lexicografía bilingüe, terminología zoológica, traducción científica.

Some thoughts on the equivalents of the English term *ape* in Spanish and Portuguese

Abstract: In the last few decades, in the Spanish language of Spain—including that of science education and public dissemination—an unnecessarily disruptive, dysfunctional and impoverishing usage of the word *simio* in the restrictive sense of ‘ape’ has become widespread, whereas its traditional, genuine and functional meaning—as a learned synonym of *mono*—is ‘monkey’. Such a semantic alteration has been mainly brought about by an incorrect rendition of the English word *ape*—in its complementary meaning to *monkey*—, whose origin, effects and dissemination in Spanish are addressed in the present paper. Although not with the same intensity as in Spanish, the “exorbitant magnetism” which, in its simplicity and specificity, the English word *ape* exerts on translators also gives rise to inadequate lexical usages in Portugal and Brazil; a flaw that has also reached English/

Portuguese bilingual dictionaries. Unfortunately, yielding to a popular usage that stems from the negligence or technical incompetence of some translators and writers, in the most recent version of the Royal Spanish Academy’s dictionary the correct definition of *simio* present in the previous edition of its work has been replaced by a new one that reflects the semantic disfigurement discussed here.

Keywords: Anglicism, bilingual lexicography, science education and popularization, scientific translation, zoological terminology.

Panace@ 2019; XX (49): 103-116

Recibido: 06.III.2019. Aceptado: 06.V.2019.

«Os simios inclúen aos monos, simios e humanos.»

(*Wikipedia-gl*, s.v. “Primates”, consulta 6.2.2019)

1. Introdução

Dedicamos o presente trabalho a um problema terminológico que, como veremos, se revela de interesse para a linguagem geral, científica, literária e cinematográfica em castelhano e em português, que toca aspetos próprios da zoologia, da tradução e da lexicografia e que surge pela junção de duas circunstâncias: a extraordinária potência cultural da língua inglesa e o desleixo, ou incompetência técnica, de certos tradutores e lexicógrafos. Se a abordagem de tal questão, à vista do perfil que lhe acabamos de traçar, se revela à partida de notável interesse, este ainda se vê acrescido ao tomarmos em consideração uma surpreendente *reviravolta lexicográfica* associada ao problema terminológico em causa, a qual dará aqui ensejo para refletirmos sobre o decepcionante, em bastantes aspetos, atual dicionário da Real Academia Española.

* Universidade de Vigo, Faculdade de Filologia e Tradução, Campus das Lagoas, E-36310 Vigo. Dirección para correspondencia: cgarrido@uvigo.gal.

Nomeadamente, a questão nuclear aqui focalizada, que se tem tornado problemática pela conjunção das duas circunstâncias referidas, consiste em determinarmos qual a solução vernácula genuína e funcional em castelhano e em português para denotar o grupo —não taxonómico— integrado pelas diferentes espécies de gibões —géneros *Hylobates*, *Symphalangus*, *Hoolock* e *Nomascus*—, orangotangos —género *Pongo*—, gorilas —género *Gorilla*— e chimpanzés —género *Pan*—, ou, por outras palavras, qual seja o equivalente genuíno e funcional, em castelhano e em português, do termo inglês *ape* —no seu uso contemporâneo mais comum—. Para darmos resposta cabal e fundamentada a esta questão e, de passagem, para abordarmos os interessantes aspetos conexos que o seu estudo levanta, a seguir organizamos o presente artigo em três secções, seguidas de um capítulo de bibliografia: designação genuína e funcional em português e em castelhano dos grupos de primatas superiores (secção 2), desorbitação onomasiológica (secção 3) e conclusões (secção 4)¹.

2. Designação genuína e funcional em português e em castelhano dos grupos de primatas superiores

Na x edição da sua obra *Systema Naturae* (1758), Carolus Linnaeus instaurou a ordem *Primates* dos Mamíferos —do latim tardio *primates* ‘os primeiros e principais’; correspondente denominação paracientífica portuguesa: Primatas— para nela incluir o ser humano —género *Homo*— junto com os géneros *Lemur* —prossímios, aos quais ele também atribuiu os co-

lugos—, *Simias* —símios— e *Vespertilio* —morcegos— (Paul, 2003). Hoje sabemos, porém, que nem os morcegos —quirópteros— nem os colugos —dermópteros— pertencem ao grupo natural integrado por «prossímios», símios e ser humano, embora os dermópteros —como também as tupaia ou musaranhos-arborícolas— se encontrem filogeneticamente próximos dos Primatas. Como fruto da integração de estudos morfológicos e genéticos, a moderna sistemática zoológica divide este táxon Primatas, em que fica enquadrado o ser humano e os seus antecessores imediatos, em duas subordens, Estrepsirrinos —a que se adscvem lémures, lóris, potos e gálagos, ou seja, os antigamente chamados «prossímios», com a exceção dos társios— e Haplorrinos, que inclui os társios —dantes, incluídos entre os «prossímios»— e um grupo natural —infraordem— integrado pelas numerosas e variadas espécies de «primatas superiores» —entre as quais o ser humano—, que a nomenclatura científica, recorrendo ao latim, crisma de Simiiformes ou Simiae (v. tabela), já que, à exceção da humana, todas as outras espécies que o compõem recebem em latim o nome coletivo de *simius* -ii (masc.) / *simia* -ae (fem.).

Usufruindo o legado latino, o português, o castelhano e o inglês utilizam, de modo tradicional e genuíno, os substantivos *símio* (1.ª abonação no séc. XIV), *simio* e *simian*, respetivamente, para denotarem em conjunto todos os representantes não humanos da infraordem Simiiformes dos Primatas, além dos correspondentes adjetivos relacionais derivados, como port. *simiesco* e *simiano* (= cast. *símico*). No entanto, nessas três línguas, os vocábulos descendentes do latim *simius* ou *simia* têm vindo a ser relegados no uso perante a irrupção de sinónimos

TABELA 1. Classificação sistemática do ser humano (*Homo sapiens*) no seio dos Primatas, com as denominações paracientíficas e vernáculas inglesas, espanholas e portuguesas dos correspondentes táxones ou grupos taxonómicos (conforme a proposta de Mann e Weiss, 1996) [1]

Categoria taxonómica	Denominação científica (internacional)	Denominações paracientíficas de táxon em inglês, espanhol e português	Denominações em inglês, espanhol e português dos representantes atuais
Ordem	Primates	Primates, primate(s) Primates, primate(s) Primatas, primata(s)	<i>“prosimians”</i> + <i>simians</i> [= <i>monkeys and apes</i>] + <i>human being</i> / « <i>prosimios</i> » + <i>monos o simios</i> + <i>ser humano</i> / « <i>prossímios</i> » + <i>macacos ou símios</i> + <i>ser humano</i>
Subordem	Haplorrhini [2]	Haplorrhines, haplorrhine(s) Haplorrinos, haplorrino(s) Haplorrinos, haplorrino(s)	<i>tarsiers</i> + <i>simians</i> [= <i>monkeys and apes</i>] + <i>human being</i> / <i>tarseros</i> + <i>monos o simios</i> + <i>ser humano</i> / <i>társios</i> + <i>macacos ou símios</i> + <i>ser humano</i>
Infraordem	Simiiformes = Simiae (= *Anthropoidea) [3]	Simiiformes = Simians, simian(s) Simiiformes = Simios, simio(s) Simiiformes = Símios, símio(s) (= *Anthropoids, *anthropoid(s) *Antropoideos, *antropoideo(s) *Antropoides, *antropoide(s))	<i>simians</i> [= <i>monkeys and apes</i>] + <i>human being</i> <i>monos o simios</i> + <i>ser humano</i> <i>macacos ou símios</i> + <i>ser humano</i>

TABELA 1. Classificação sistemática do ser humano (*Homo sapiens*) no seio dos Primatas, com as denominações paracientíficas e vernáculas inglesas, espanholas e portuguesas dos correspondentes táxones ou grupos taxonómicos (conforme a proposta de Mann e Weiss, 1996) [1]

Categoria taxonómica	Denominação científica (internacional)	Denominações paracientíficas de táxon em inglês, espanhol e português	Denominações em inglês, espanhol e português dos representantes atuais
Parvordem	Catarrhini [4]	Catarrhines, catarrhine(s) Catarrinos, catarrino(s) Catarrinos, catarrino(s)	<i>Old World monkeys + apes + human being monos, o simios, del Viejo Mundo + ser humano macacos, ou símios, do Velho Mundo + ser humano</i>
Superfamília	Hominoidea [5]	Hominoids, hominoid(s) Hominoideos, hominoideo(s) Hominoides, hominoide(s)	<i>apes + human being monos, o simios, antropoides + ser humano macacos, ou símios, antropoides + ser humano</i>
Família	Hominidae [6]	Hominids, hominid(s) Homínidos, homínido(s) Hominídeos, hominídeo(s)	<i>great apes + human being / grandes monos, o simios, antropoides + ser humano / grandes macacos, ou símios, antropoides + ser humano</i>
Subfamília	Homininae [7]	Hominines, hominine(s) Homininos, hominino(s) Hominíneos, hominíneo(s)	<i>African great apes + human being / grandes monos, o simios, antropoides africanos + ser humano / grandes macacos, ou símios, antropoides africanos + ser humano</i>
Tribo	Hominini [8]	Hominins, hominin(s) Homininis, hominini(s) Homininos, hominino(s)	<i>chimpanzees + human being chimpancés + ser humano chimpanzés + ser humano</i>
Subtribo	Hominina [9]	Homininans, homininan(s) Homininos, hominino(s) Homininas*, hominina(s)*	<i>human being = man / ser humano = hombre ser humano = homem</i> (N.B.: inclui tb. espécies extintas de <i>Homo</i> e de <i>Australopithecus</i>)

[1] Um asterisco a anteceder uma denominação indica que esta, embora frequentemente utilizada, é incorreta; um asterisco a seguir a uma denominação indica que esta é aqui cunhada pelo autor do presente trabalho para preencher uma lacuna denotativa. Como sinónimo de *macaco/símio antropoide* pode utilizar-se *macaco/símio antropomorfo* e, nestes termos, em todos os casos, pode dispensar-se o substantivo inicial (assim, pode dizer-se, simplesmente, *o(s) antropoide(s)* ou *o(s) antropomorfo(s)*). Ocasionalmente, o termo (*grandes*) *antropoides* e, sobretudo, o inglês (*great*) *apes* é usado num sentido que também inclui o ser humano. Repare-se em que o termo *símios* inclui o ser humano quando é uma denominação paracientífica, mas não quando é uma denominação vernácula (neste último caso, é um sinónimo, de registo elevado, de *macacos*).

[2] Táxon-irmão: Strepsirrhini, ou Estrepsirrinos, integrado pelos antigamente chamados Prosimii, com exceção dos tár-sios, ou seja, por lémures, lóris, potos e gálagos.

[3] Táxon-irmão: Tarsiiformes, integrado pelos társios.

[4] Táxon-irmão: Platyrrhini, ou Platirrinos, integrado pelos macacos, ou símios, do Novo Mundo.

[5] Táxon-irmão: Cercopithecoidea, ou Cercopitecoides, integrado pelos macacos, ou símios, não antropoides do Velho Mundo.

[6] Táxon-irmão: Hylobatidae, ou Hilobatídeos, integrado pelos pequenos macacos, ou símios, antropoides (= cast. pequenos monos, o simios, antropoides; ingl. lesser, or smaller, apes), ou seja, pelos gibões, com 4 géneros e 18 espécies atuais.

[7] Táxon-irmão: Ponginae, ou Pongíneos, integrado pelos orangotangos (1 género e 3 espécies atuais).

[8] Táxon-irmão: Gorillini, ou Gorilinos, integrado pelos gorilas (1 género e 2 espécies atuais).

[9] Táxon-irmão: Panina, ou Paninas*, integrado pelos chimpanzés (1 género e 2 espécies atuais).

populares mais frequentes, de modo que *símio* e os seus correlatos castelhano e inglês representam hoje, na língua geral, um sinónimo de registo elevado da respetiva palavra popular corrente, enquanto que, na língua especializada da Biologia, aqueles constituem a denominação paracientífica correspondente à científica *Simiiformes* ou *Simiae* e, portanto, nesse uso, *Símios* denota um grupo ou táxon zoológico entre cujos integrantes também se encontra a espécie humana (v. legenda e 3.^a coluna da tabela).

Em castelhano, na língua corrente, como sinónimo popular de *simio*, no sentido de ‘primata superior não humano’, triunfou a palavra *mono -a*, que o dicionário da Real Academia Española faz derivar do vocábulo de origem árabe *maimón(a)*, que em castelhano significa ‘símio de cauda longa’ e é sinónimo de *mico* —este, de origem ameríndia—. Em português, embora também se utilize *mono -a* no sentido aduzido —junto com o arabismo *bugio*—, a palavra que triunfou como sinónimo popular de *símio* —sendo, de longe, a mais frequentemente utilizada e a que apresenta plena produtividade terminológica na designação vernácula das diversas espécies do grupo— é *macaco*, abonada pela primeira vez em português, segundo o dicionário *Houaiss*, entre 1550 e 1568, e proveniente de uma língua africana, provavelmente do grupo banto².

Um facto se revela de suma importância em relação ao vocábulo português *macaco* ‘símio’. Assim, cumpre termos em conta que a palavra *macaco*, de origem africana, é difundida para a generalidade das línguas europeias através do português —*Era dos Descobrimentos*—, mas com mudança e especialização do significado, uma vez que, em geral, nas línguas europeias que acolhem a denominação a partir do português —p. ex., cast. *macaco*, fr. *macaque* (1.^a abonação: séc. XVII), ingl. *macaque* (séc. XVII), al. *Makak(e)*—, ela não denota os símios em geral —os quais são designados, respetivamente, mediante os vocábulos patrimoniais populares *mono*, *singe*, *monkey* e *Affe*—, mas um grupo particular deles: os macacos do género *Macaca*³.

Por sua vez, em inglês, a palavra vernácula popular que denota os macacos ou símios no seu conjunto —sinónima da erudita *simian*— foi, num primeiro momento, a germânica *ape* —cf. al. *Affe*—, mas, posteriormente, o vocábulo de provável filiação românica *monkey* foi ganhando terreno com essa função e propiciando uma especialização de *ape*, até se chegar à configuração designativa do inglês contemporâneo, na qual, por um lado, a ideia de ‘símio’ ou ‘macaco’, em geral, é principalmente veiculada por *monkey* —e só marginalmente por *ape*—, e, por outro lado, a palavra *ape* está especializada na designação do conjunto integrado pelos gibões, orangotangos, gorilas e chimpanzés —grupo de macacos sem cauda—, enquanto *monkey* o está na designação do resto dos macacos —conjunto de símios geralmente dotados de cauda—. Esta evolução léxico-semântica e esta configuração designativa contemporânea é a que testemunham as duas definições lexicográficas que se seguem:

«**ape** *n.* **1 a** An animal of the monkey tribe (suborder Simiae or Anthroidea): the generic name before ‘monkey’, and still occas[ionally]. so used, esp[ecially]. w[hen].

ref[erring]. to resemblance to and mimicry of humans. o[ld]e[nglish]. **b spec.** A member of the family Pongidae, which includes the gorilla, chimpanzee, orangutan, and gibbon, and is characterized by the absence of a tail and cheek-pouches. L[ate]17.» (*Shorter Oxford English Dictionary: s.v. “ape”*)

«**ape** A name originally (in medieval times) applied to the Barbary macaque (*Macaca sylvanus*) of N. Africa (as were the Latin *simia* and Greek *pithecus*) and, by extension, applied to other primates as these were made known in Europe. As long-tailed monkeys (‘tailed apes,’ or cercopithec) became better known, ‘ape’ came to mean primarily ‘tail-less ape,’ and today commonly denotes a member of the Hominoidea, comprising lesser apes (gibbons) and great apes (orangutan, gorilla, chimpanzee, and, in some usages, human).» (Allaby, 2014: *s.v. “ape”*)

Nesta linha, eis as definições que de port. *símio*, cast. *simio* e ingl. *simian*, enquanto substantivos, oferecem os dicionários de referência:

«**símio** [...] *s.m.* 3 MAST[O]ZOO[LOGIA] m[esmo].q[ue]. *macaco*.» / «**macaco** *s.m.* [...] 1 MAST[O]ZOO[LOGIA] design[ação]. comum aos primatas, com exceção do homem e dos prossímios; *símio*.» (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: s.v.*)

«**símios** [...] *s. m. pl.* [...] 1. Grupo de mamíferos, da ordem dos primatas, de que há várias espécies, de forma e dimensões variadas, de face glabra, cérebro desenvolvido, cabeça arredondada, separada do corpo por pescoço bem nítido, olhos frontais, pavilhão auricular semelhante ao do Homem, duas mamas peitorais, mãos e pés preênseis e polegares oponíveis. 2. *s. m.* Mamífero desse grupo.» / «**macaco**³, **a** [...] = BUGIO, MONO, SÍMIO.» (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa: s.v.*)⁴

«**simio** [...] *m* mono (animal cuadrmano). || 2. *pl* Zool. Suborden de estos animales. ortogr.: Escr. con may. inicial.» / «**mono** [...] 4. *m* Nombre genérico con que se designa a cualquiera de los animales del suborden de los Simios.» (*Diccionario de la Real Academia Española*, 22.^a ed.: *s.v.*)⁵

«**simian** [...] *n.* An ape, a monkey.» (*Shorter Oxford English Dictionary: s.v.*)

Neste ponto e contexto, é preciso interrogarmo-nos sobre o modo como as línguas castelhana e portuguesa designam, em termos vernáculos, e de forma genuína, precisa e correta, o grupo constituído pelos gibões, orangotangos, gorilas e chimpanzés, ou seja, pelos macacos ou símios destituídos de cauda —integrantes, junto com o homem, da superfamília Hominoidea—, grupo que o inglês contemporâneo denota com o termo *ape(s)*. Essa designação vernácula, nas duas grandes línguas ibéricas, não pode ser feita senão através de denominações de natureza erudita e composta, as quais constam de um primeiro elemento de carácter substantivo e genérico, que denota o conjunto de

primatas superiores não humanos —port. *macaco(s)* ou *símio(s)* / cast. *mono(s)* ou *simio(s)*— e de um segundo elemento de carácter adjetivo e especificador —port. e cast. *antropoide(s)* ou *antropomorfo(s)*, do gr. *ánthros* ‘ser humano’ + *-oide/-morfo* ‘(com a) forma’—, ou seja, port. *macaco(s) antropoide(s)* ou *macaco(s) antropomorfo(s)* ou *símio(s) antropoide(s)* ou *símio(s) antropomorfo(s)* / cast. *mono(s) antropoide(s)* ou *mono(s) antropomorfo(s)* ou *simio(s) antropoide(s)* ou *simio(s) antropomorfo(s)*⁶. De resto, tais termos, num contexto adequado, podem ser simplificados mediante a omissão do primeiro elemento: port. *o(s) antropoide(s)* ou *o(s) antropomorfo(s)* / cast. *el(/los) antropoide(s)* ou *el(/los) antropomorfo(s)*. Por outro lado, se ingl. *ape* equivale a *macaco*, ou *símio*, *antropoide*, o ingl. *monkey*, no seu valor especializado —complementar do de *ape*—, equivale em português a *macaco*, ou *símio*, *não antropoide*, e em castelhano, a *mono*, ou *simio*, *no antropoide*⁷.

O esquema designativo até aqui traçado —tradicional, genuíno e funcional—, com os seus elementos port. *símio*, *macaco* e *antropoide* (= *antropomorfo*) / cast. *simio*, *mono* e *antropoide* (= *antropomorfo*) é, por exemplo, o refletido nos seguintes dicionários bilingues não especializados, que combinam o alemão com as duas grandes línguas ibéricas —repare-se, especialmente, na clara e completa informação dada pelo dicionário de Slabý, Grossmann e Illig—⁸:

Alemão > Português

Dicionário Editora de Alemão-Português, 2.^a ed.: Affe > macaco / Menschenaffe > [ZOOLOGIA] antropomorfo, antropoide

Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch: Affe > macaco, mono / Menschenaffe > antropóide

Alemão > Espanhol

Diccionario de las lenguas española y alemana de Slabý, Grossmann e Illig: Affe > [ZOOLOGIA] mono; [registro científico] simio; [de cola larga] mico / Menschenaffen > [ZOOLOGIA] antropoides, antropomorfos

Langenscheidt Handwörterbuch Spanisch: Affe > [ZOOLOGIA] mono, simio / Menschenaffe > [ZOOLOGIA] antropoide

Por último, dentro desta secção, resta abordarmos um por menor atinente à designação científica e paracientífica da infraordem dos Primatas que inclui os macacos —tanto antropoides como não antropoides— e o ser humano, dado que ele se repercute na designação vernácula dos macacos antropoides em português e em castelhano. Assim, acontece que, para designar essa infraordem, na bibliografia concorrem as denominações científicas Simiiformes —ou Simiae— e Anthropeidea, ou as correspondentes paracientíficas Simiiformes —ou port. Símios / cast. Simios— e port. Antropoides / cast. Antropoideos (v. tabela). Como defende Hoffstetter (1974), ainda que o táxon Simiiformes Haeckel, 1866 seja mais recente que Anthropeidea Mivart, 1864, aquela deve ser considerada a denominação correta, já que a denominação Simii, cunhada por Van der Hoeven e equivalente de Simiiformes —ou Simiae—, data de 1833 e, sobretudo, dado que o termo taxonómico Anthropeidea, em

contraste com Simiiformes —ou Simiae—, não está bem formado —pois a sua terminação *-oidea* corresponde ao nome de uma superfamília, e não ao de uma infraordem— e, além disso, em diversas línguas românicas originaria uma denominação paracientífica —port. *Antropoides*, fr. *Anthropoïdes*, etc.— que colide com a denominação vernácula dos macacos da superfamília Hominoidea, ou seja, justamente, como vimos, (*macacos*) *antropoides* (v. *Wikipedia-en*: s.v. “Simian” [consulta 19.2.2019])⁹. Precisamente, essa indesejável confusão terminológica —facilmente evitável mediante o uso da denominação de infraordem Simiiformes ou Simiae, em vez de Anthropeidea— manifestase, infelizmente, no artigo “antropóide” do dicionário *Houaiss* —repare-se especialmente nas aceções 3 e 5—:

antropóide *adj.* 2g. [...] 1 que tem o formato do homem 2 relativo a antropóides || *adj.* 2g. *s.m.* MASTZOO 3 diz-se de ou macaco da fam. dos pongídeos e da fam. dos hilobatídeos [≈ superfamília Hominoidea], destituído de cauda e anatomicamente semelhante ao homem, como o orangotango, o chimpanzé, o gorila e os gibões || *s.m.* MASTZOO 4 espécime dos antropóides || **antropóides** *s.m.pl.* MASTZOO 5 subordem [≈ infraordem] de primatas que inclui os macacos, os monos [aqui, indevidamente, por (*macacos*) *antropóides*: v. *infra!*] e o homem; apresentam cérebro grande e desenvolvido, face capaz de expressar emoção, olhos voltados para a frente, um par de mamas e dedos com unhas achatadas, são diurnos e vivem nas árvores ou no chão [Nas classificações modernas, são incluídos entre os haplorrinos.] || cf.: *prossímio* || ETIM antrop(o)- + *óide*, sob infl. do fr. *anthropoide* (1866) e ing. *anthropoid* (1832); em mastzoo, lat. cien. subordem *Anthropeidea*.

3. Desorbitação onomasiológica

Na secção anterior concluímos que a configuração léxico-semântica tradicional e genuína própria da língua geral e da língua especializada em português e em castelhano determina como equivalências corretas, tomando como referência o inglês contemporâneo, ingl. *monkey* [s.l.] (= *simian*) > port. *macaco* (= *símio*) / cast. *mono* (= *simio*), ingl. *ape* > port. *macaco antropoide* / cast. *mono antropoide*, ingl. *monkey* [s.s.] > port. *macaco não antropoide* / cast. *mono no antropoide*. Deste modo, podemos propor como exemplos de tradução correta de inglês para português os cinco seguintes, em que os termos *monkey* e *ape* surgem em textos especializados —didáticos ou divulgadores— do campo da Biologia:

[1] Enc. Brit.: s.v. “**malaria**”: «Malaria also is found in apes, monkeys, rats, birds, and reptiles.»

Tradução nossa: «O paludismo também afeta macacos (com inclusão dos antropoides), ratazanas, aves e répteis.»

[2a] Sci. Am., 10/2015: 56: «The earliest apes evolved from a common ancestor with monkeys, probably in East Africa

around 26 million years ago. Those apes, the best known of which is *Proconsul*, walked on all fours and lived in trees like monkeys but had a big body, no tail, and a larger skull and brain.»

Tradução nossa: «Os macacos antropoides mais primitivos evoluíram a partir de um antepassado comum com macacos não antropoides, provavelmente na África Oriental há cerca de 26 milhões de anos. Esses macacos antropoides, o mais bem conhecido dos quais é *Proconsul*, caminhavam sobre as quatro extremidades e viviam nas árvores, como os macacos não antropoides, mas tinham um corpo grande, não possuíam cauda e apresentavam crânio e encéfalo maiores.»

- [3a] Sci. Am., 9/2018: 28: «Through copying, monkeys and apes acquire diverse foraging skills ranging from extractive foraging methods such as digging grubs out of bark to sophisticated tool-using techniques such as fishing for termites with sticks.»

Tradução nossa: «Através da imitação, os macacos não antropoides e os antropoides adquirem o domínio de diversas técnicas de obtenção do alimento, as quais variam entre métodos de carácter extrativo, como o retirar larvas da casca das árvores, e a utilização refinada de ferramentas, como a apanha de térmitas mediante o manuseamento de um graveto.»

- [4a] Sci. Am., 9/2018: 29: «Plotting the intelligence measure on a primate family tree reveals evolution for higher intelligence taking place independently in four distinct primate groups: the capuchins, macaques, baboons and great apes—precisely those species renowned for their social learning and traditions.»

Tradução nossa: «Se sobreusermos a medida de inteligência a uma árvore filogenética dos primatas, fica patente que a evolução de uma maior inteligência teve lugar de forma independente em quatro grupos diferentes: os Cebíneos (macacos-prego ou macacos-capuchinhos), o género *Macaca*, os babuínos (macacos do género *Papio*) e os Hominídeos (grupo que compreende o ser humano e os grandes macacos antropoides), precisamente as espécies notadas pela sua aprendizagem social e tradições.»

COMENTÁRIO: Neste caso, *great apes* deve interpretar-se como incluindo, para além dos grandes macacos antropoides, também o ser humano (v. tabela).

- [5a] Sci. Am., 9/2018: 52: «Modern human brains are about threefold larger than those of our earliest hominin ancestors and living great ape relatives.»

Tradução nossa: «O encéfalo do ser humano moderno é cerca de três vezes maior que o dos nossos antepassados mais antigos da subtribo Homininas e que o dos nossos parentes vivos mais chegados, os grandes antropoides.»

COMENTÁRIO: O texto de partida faz uso de um esquema classificatório em que a tribo Hominini (ingl. Hominins, cast. Homininis, port. Homininos) equivale

à subtribo Hominina (ingl. Homininans, cast. Homíninos, port. Homininas) da classificação de Mann e Weiss (1996), que nós utilizamos neste trabalho (v. tabela).

Observe-se que as equivalências semânticas assinaladas entre inglês e português ou castelhano originam uma relação tradutiva entre termos que não é «simples», ou seja, *biunívoca* —do tipo 1:1—, pois aquelas dão lugar a uma relação tradutiva do tipo 2:1 entre vocábulos —termos univerbais— surgida por *inclusão conceptual* (Garrido, 2016: 153, 173–175, 187), uma vez que as esferas designativas de ingl. *ape* e de ingl. *monkey* [s.s.] ficam compreendidas dentro das de port. *macaco* e cast. *mono*. Nomeadamente, tal caso de inclusão conceptual consiste numa disjunção diferencial¹⁰ do tipo «ingl. *screw* [> port. «parafuso perfurante»] + *bolt* [> port. «parafuso prisioneiro ou de porca»] → port. *parafuso* ou «ingl. *finger* [> port. «dedo da mão»] + *toe* [> port. «dedo do pé»] → port. *dedo*, e que podemos, portanto, enunciar como «ingl. *ape* [> port. «macaco antropoide»] + *monkeys.s.* [> port. «macaco não antropoide»] → port. *macaco*» (Garrido, 2016: 190–192).

De facto, esta relação tradutiva não biunívoca existente entre os termos em foco, decorrente de inclusão conceptual por disjunção diferencial, poderá explicar, mas não justificar, junto com a circunstância de estarmos a lidar com vocábulos e conceitos próprios de um âmbito de especialidade —a zoologia—, o fracasso que, no tratamento desta questão, mostram os diversos dicionários profissionais de inglês/português e de inglês/espanhol hoje disponíveis:

Inglês > Português

Collins Portuguese Dictionary: ape > macaco / monkey > macaco

Dicionário Editora de Inglês-Português, 5.^a ed.: ape > [ZOOLOGIA] macaco / monkey > [ZOOLOGIA] macaco; mono, bugio; símio

Michaelis – Moderno Dicionário Inglês-Português, Português-Inglês: ape > macaco, bugio, mono; qualquer símio / monkey > macaco, mono, símio, bugio

Oxford Portuguese Dictionary: ape > [ZOOLOGIA] macaco / monkey > [ZOOLOGIA] macaco

Inglês > Espanhol

Collins Spanish-English, English-Spanish Dictionary, 2.^a ed.: ape > mono (esp[ecialmente] los antropomorfos), simio, antropoideo / monkey > mono, mico; 10.^a ed.: ape > [ZOOLOGIA] mono, simio, antropoide / monkey > [ZOOLOGIA] mono

Simon and Schuster's International Dictionary Spanish-English, English-Spanish: ape > mono, simio, antropoide / monkey > [ZOOLOGIA] mono

Gran diccionario Larousse inglés-español, español-inglés: ape > [ZOOLOGIA] mono / monkey > [ZOOLOGIA] mono

The Oxford Spanish Dictionary: ape > «[ZOOLOGIA] simio, mono; **the great apes**: los antropomorfos» / monkey > mono, mico

Vê-se aqui que, se bem que nenhum dos dicionários referidos chegue a declarar com total correção as equivalências de *ape* e *monkey*, o fracasso das obras que combinam o inglês com o castelhano é apenas parcial, não total, e algumas delas —o *Collins* e o *Simon and Schuster*— mostram tratamentos bastante corretos da questão —curiosamente, o *Oxford* declara erradamente *antropomorfo* como equivalente espanhol de *great ape*, e não de *ape*¹¹; já no caso dos dicionários que combinam o inglês com o português, o fracasso é absoluto, e, a esse respeito, chama especialmente a atenção a deficiência do, aliás, ótimo dicionário *Editora* de inglês/português, porquanto o seu homólogo de alemão —como o resto de dicionários bilingues de alemão citados—, segundo vimos antes, resolve bem a equivalência *Menschenaffe* > *macaco antropoide*. Precisamente, que, nesta questão, o sucesso ou o fracasso —total ou parcial— na determinação de equivalências esteja dependente da circunstância de os termos da língua de partida mostrarem —alemão!—, ou não mostrarem —inglês!—, a mesma estrutura que os equivalentes da língua de chegada indicia a existência de falhas importantes na correspondente metodologia lexicográfica. Em qualquer caso, numa altura, como a presente, em que a divulgação científica e o conhecimento básico da biodiversidade do planeta fazem parte da bagagem cognitiva de qualquer cidadão culto, o facto de os termos e conceitos em foco serem próprios da zoologia não nos parece razão suficiente para justificar as deficiências lexicográficas aqui detetadas.

A dificuldade em proporcionar equivalentes —funcionais— portugueses para ingl. *ape* e ingl. *monkey* [s.s.], causada por essa relação tradutiva não biunívoca e pelo «exorbitante magnetismo» exercido por dois termos ingleses de constituição simples, também se deixa sentir penosamente nos casos de tradução que seguem, dos quais o ex. [7] é tanto mais grave quanto se trata de um manual universitário de Zoologia dos Vertebrados¹²:

[6] *The History of Languages: An Introduction*: 7 [página disponibilizada na internet em *Google Books*]: «Several species of ape and monkey possess fairly large systems [of signals], comprising many tens of distinctive sounds. Interestingly, our closest relatives, the chimpanzees and bonobos, do not seem to use sounds for communication in any more advanced way than many monkeys.»

A História das Línguas: Uma Introdução: 30: «Várias espécies de micos e macacos [mal!, por: «Várias espécies de macacos, quer antropoides quer não antropoides,»] contam com sistemas [de sinais] bem amplos, compreendendo algumas dezenas de sons distintos. Curiosamente, os nossos parentes mais próximos, os chimpanzés e os bonobos, parecem não utilizar sons para comunicação em sistemas muito mais avançados do que diversos outros macacos [mal!, por: «muitos macacos não antropoides.»]

[7] *Vertebrates: Comparative Anatomy, Function, Evolution*: 124: «The lower primates, or prosimians, include lemurs, lorises, and tarsiers. The higher primates, or anthropoids, encompass the platyrrhine (New World) and catarrhine (Old World) monkeys. The word *monkey* is

a general term that has no formal taxonomic definition. The term *apes* refers to the *pongids* (orangutans, gorillas, chimps), and the term *hominids* to humans and their immediate ancestors of the Hominidae.»

Vertebrados: Anatomia Comparada, Função e Evolução: 152: «Os *primatas mais ancestrais*, ou prossímios, incluem os lêmures, lóris e társios. Os *primatas mais derivados*, ou antropoides [mal!, por: «símios» ou «simiiformes»], compreendem os macacos do Velho Mundo (catarrinos) [melhor: «os macacos não antropoides do Velho Mundo»], os quais não têm cauda preênsil, e os macacos do Novo Mundo (platirrininos), alguns dos quais usam uma cauda preênsil. A palavra “macaco” é um termo geral que não tem nenhuma definição taxonômica formal. O termo “macacos” [mal!, por: «O termo *macacos antropoides*»] refere-se aos *pongídeos* (orangotangos, gorilas e chimpanzés) e o termo “homínídeos” refere-se aos humanos e seus ancestrais imediatos dentro dos Hominidae.»

No entanto, apesar do fracasso absoluto e generalizado dos dicionários de inglês/português que vimos antes, a nossa impressão é que as traduções do inglês de textos de biologia ou zoologia publicadas em Portugal, em contraste com o que acontece no Brasil —v. *supra* ex. [7]—, costumam verter corretamente ingl. *ape* —e *monkey* [s.s.]—. Assim, por exemplo, na *Grande Enciclopédia Animal* (Burnie, 2002), na página 122, surge *Símios* em referência ao grupo integrado por Catarrinos e Platyrrinos, e na página 132 podemos ler *símios antropomorfos* em referência aos símios ou macacos da superfamília Hominoidea; igualmente, no seguinte exemplo, pode observar-se a correta tradução de *ape* —mas não assim a de *monkey* [s.s.]!—, embora o contraste artificial verificado no uso de *símio* e *macaco* —*símio* só em *símio antropoide*, em correspondência com *ape*, e *macaco* só em correspondência com *monkey*— aponte para os primórdios de uma eventual *desorbitação designativa*:

[8] *The Encyclopedia of Animals: A Complete Visual Guide*: 118: «APES/ Like humans, apes are intelligent [...]. They are divided into two families: the gibbons of Hylobatidae, and the great apes—orangutans, chimpanzees, gorillas—of Hominidae, which includes humans. Although apes and Old World monkeys have a similar nose shape and dental structure [...].[...] CLEVER APES / Ape societies are organized in various ways. [...] The gibbons and the great apes evolved into distinct families at least 20 million years ago.»

Enciclopédia dos Animais – Mamíferos: Um Guia Visual Completo: 90: «SÍMIOS ANTROPÓIDES [bem!] / Os símios antropóides [bem!] são inteligentes [...]. Dividem-se em duas famílias: *Hylobatidae*, que compreende os gibões, e *Hominidae*, que inclui orangotangos, chimpanzés, gorilas e seres humanos [...]. Embora os símios antropóides [bem!] e os macacos do Velho Mundo [mal!, por *símios/macacos não antropóides do Velho Mundo* ou *símios/macacos cercopitécóides*] tenham um tabique nasal semelhante, a mesma estrutura dental [...]. [...] SÍMIOS

INTELIGENTES / As sociedades dos símios antropóides [bem!] organizam-se de várias maneiras. [...] Os gibões e os grandes símios antropóides [bem!] dividiram-se em duas famílias distintas há pelo menos 20 milhões de anos.»

A desorbitação designativa que o magnetismo do inglês induz no uso dos vocábulos que tradicionalmente denotam os macacos ou símios é, todavia, incomparavelmente mais grave no atual castelhano de Espanha. Numa tentativa de reconstituição causal deste processo de adulteração léxico-semântica, começemos por tomar em consideração um romance de ficção científica publicado em 1963 pelo escritor francês Pierre Boulle, *La planète des singes*. A palavra francesa *singe* do título significa ‘macaco, símio’ e, no desenrolar da narrativa, refere-se nomeadamente a uns macacos antropóides —orangotangos, gorilas e chimpanzés— que apresentam inteligência semelhante à humana e que passam a dominar um certo planeta. O romance foi traduzido para inglês como *Monkey Planet* —‘dos macacos’— no Reino Unido e, com menos economia verbal, mas com superior precisão —e eufonia—, como *Planet of the Apes* —‘dos macacos antropóides’— nos eua. É, naturalmente, com este último título que, em 1968, se estreia uma adaptação cinematográfica estado-unidense do livro de Boulle dirigida por Franklin J. Schaffner, com guião de Michael Wilson e Rod Serling e protagonizada por Charlton Heston, a qual inaugurará uma franquia que, até agora, conta com seis sequelas. Conservando a relativa imprecisão zoológica presente no título francês original —e no britânico—, tanto os filmes como o livro foram intitulados *Der Planet der Affen* em alemão, *O Planeta dos Macacos* em português e *El planeta de los simios* em espanhol, fórmula, esta, em que se optava, numa decisão que acarretará notáveis consequências expressivas, pelo sinónimo erudito do cast. *monos*¹³.

E não é só que na versão espanhola dos filmes dessa franquia se optasse por verter no título *ape* por *simio*, pois tal decisão mantém-se de forma constante ao longo de toda a metragem de todos esses filmes, ao mesmo tempo que se utiliza a palavra *mono* de maneira diferenciada e contrastante para traduzir apenas *monkey* [s.s.]. Essa decisão tradutiva, artificiosa, arbitrária e injustificada, fica patente, por exemplo, no seguinte diálogo que surge na versão espanhola da sequência de Tim Burton do ano 2001:

[9] *Planet of the Apes, 2001*: «[Fala um ser humano:] “You monkeys...” / [Fala um macaco antropóide:] “Not monkeys, but apes!”»

El planeta de los simios: «[Fala um ser humano:] —Vosotros los monos... / [Fala um macaco antropóide:] —¡No somos monos, somos simios!»¹⁴

Quer tenham sido os tradutores para castelhano dos filmes da franquia *Planet of the Apes* os primeiros a tomarem nessa língua a decisão de utilizar de forma constante *simio* com o valor único e restrito de ‘macaco antropóide’ —em artificiosa e preguiçosa correspondência com ingl. *ape*—, quer aí eles se tenham limitado a seguir o exemplo previamente estabelecido

por outros tradutores —ou redatores—, é inegável que essa decisão —que violenta a configuração léxico-semântica genuína e tradicional em que *simio* é sinónimo de *mono*—, pela enorme popularidade desses filmes e livros, havia de exercer uma forte influência nos hábitos linguísticos da população. O facto é que, em castelhano, a partir do decénio de 1970 e até à presente altura, a coincidir com a difusão dos filmes da franquia *El planeta de los simios*, tem vindo a ser frequentíssimo, e largamente hegemónico no discurso público e na divulgação científica —em muitos casos, traduzida do inglês!—, tal uso léxico-semântico deturpado e disruptivo. Nessa linha, vejamos a seguir uns poucos exemplos, retirados —dentre um oceano de casos!— da divulgação científica espanhola traduzida —direta ou indiretamente— do inglês¹⁵:

[10] *El País, 21.11.2010: 54*: «Morris Goodman, el científico que descubrió que somos simios [mal!, por «que de hecho pertenecemos al grupo de los monos antropoides»]. [...] Y es que antes de esos descubrimientos moleculares y citogenéticos se pensaba que los grandes simios [mal!, por «grandes monos antropoides»] (chimpancés, gorilas y orangutanes) formaban un grupo evolutivo propio (el de los póngidos) y que los humanos [mal!, por «seres humanos»] pertenecíamos a otro (el de los homínidos). [...] Pero los nuevos hallazgos de laboratorio que se presentaron en la reunión del año 1962 indicaban que, por el contrario, nosotros pertenecemos de lleno al grupo de los grandes simios africanos [mal!, por «grandes monos antropoides africanos»]. Somos simios africanos [mal!, por «antropoides africanos»]. En otras palabras, los humanos [mal!, por «seres humanos»] estamos más emparentados con chimpancés y gorilas de lo que estos lo están con los orangutanes asiáticos.»

[11] *The Encyclopedia of Animals: A Complete Visual Guide: 118*: «APES / Like humans, apes are intelligent [...]. They are divided into two families: the gibbons of Hylobatidae, and the great apes—orangutans, chimpanzees, gorillas— of Hominidae, which includes humans. Although apes and Old World monkeys have a similar nose shape and dental structure [...]. [...] CLEVER APES / Ape societies are organized in various ways. [...] The gibbons and the great apes evolved into distinct families at least 20 million years ago.»

Enciclopedia National Geographic de los animales: 90: «SIMIOS [mal!, por *monos/símios antropóides*] / Como los humanos, los símios [mal!, por *símios/monos antropóides*] son inteligentes [...]. Se dividen en dos familias: los gibones de la familia Hylobatidae, y los grandes símios [mal!, por *grandes monos/símios antropóides*] de la familia Hominidae (homínidos), que incluye a orangutanes, chimpancés, gorilas y humanos. Aunque la nariz y los dientes de símios [mal!, por *monos/símios antropóides*] y monos del Viejo Mundo [mal!, por *monos/símios antropóides del Viejo Mundo* ou *monos/símios cercopitecoideos*] son similares [...]. [...] SIMIOS INTELIGEN-

TES / Las sociedades de los simios [mal!, por *monos/simios antropoides*] están organizadas de diversas formas. [...] Los gibones y los grandes simios [mal!, por *grandes monos/simios antropoides*] evolucionaron separándose en dos familias hace al menos 20 millones de años.»¹⁶

Será que pode defender-se, por motivos práticos, a redefinição de *simio/símio*, em castelhano e em português, no sentido de este vocábulo passar a denotar, em contraste com o seu valor tradicional, unicamente os macacos antropoides? Pensamos que, objetivamente, não, e que, de facto, tal alvitre representa uma injustificada, gratuita, deturpação léxico-semântica e um verdadeiro empecilho comunicativo. Em primeiro lugar, não se vê vantagem a substituir, no sentido aduzido, a solução genuína cast. *mono* —ou *simio*— *antropoide* / port. *macaco* —ou *símio*— *antropoide* pela disruptiva *simio/símio*, porque a economização linguística associada é bem pequena ou, mesmo, praticamente nula, uma vez que, como vimos, os termos compostos tradicionais podem abreviar-se por omissão do primeiro elemento —portanto, *antropoide* frente a *simio/símio*—; em segundo lugar, desse modo, perderíamos um útil sinónimo erudito de *mono/macaco* —correspondente ao ingl. *simian*—; em terceiro lugar, se *símio* passasse a significar ‘macaco antropoide’, ficaria desvirtuado o termo *prossímio*; em quarto lugar, se *símio* [subst.] passasse a significar ‘macaco antropoide’, ficariam também desvirtuados os adjetivos relacionais derivados *símio* [adj.], *simiesco* e *simiano* (= cast. *símico*), acontecendo que este último (= ingl. *simian*, al. *simian*) conhece hoje um largo uso científico no seu sentido tradicional e genuíno de ‘próprio dos macacos’, como nos termos médicos ingl. *simian immunodeficiency virus* (= SIV) / al. *Simianes Immundefizienz-Virus* (= SIV) / port. *vírus da imunodeficiência simiana* (= VIS) / cast. *virus de inmunodeficiencia símica* (= VIS), ingl. *simian foamy virus* / port. *espumavírus simiano* —ou *dos símios* ou *dos macacos*— / cast. *espumavirus símico* —ou *de los simios* ou *de los monos*—, ingl. *simian h(a)emorrhagic fever virus* (= SHFV) / port. *vírus da febre hemorrágica simiana* —ou *dos símios* ou *dos macacos*; = VFHS— / cast. *virus de la fiebre hemorrágica símica* —ou *de simios* ou *de monos*; = VFHS— e ingl. *monkeypox* / port. *variola simiana* —ou *dos símios* ou *dos macacos*— / cast. *viruela símica* —ou *de los simios* ou *de los monos*—¹⁷.

Por esse motivo, porque o uso em castelhano —e em português— de *simio* com o sentido restritivo de ‘macaco antropoide’ deve considerar-se, além de caprichosamente disruptivo, também empobrecedor, deturpador e disfuncional, não podemos nem devemos dissimular aqui o nosso *estupor* ao comprovarmos que a edição mais recente do dicionário da Real Academia Española, a 23.^a, de 2014 —intitulada *DLE* ou *Diccionario de la lengua española*—, numa *reviravolta lexicográfica* imprópria de uma instituição filológica douta, elimina a definição correta de *simio* que constava da edição anterior do dicionário (v. *supra*) e, dobrando-se perante a estendida deturpação léxico-semântica que acabamos de analisar, inclui os seguintes verbetes:

«**simio, mia**. Del lat. *simius*; la forma f., del lat. *simia*.

1. m. yf. Primate antropoide. U. t. c. m. pl. como *taxón*.» /

«**antropoide** Del gr. ἀνθρωποειδής *anthrōpoeidēs*. 1. adj. Zool. Dicho de un animal, y especialmente de un mono antropomorfo: Que por sus caracteres morfológicos externos se asemeja al hombre. U. t. c. s.» / «**antropomorfo, fa**. Del lat. tardío *anthropomorphos*, y este del gr. ἀνθρωπόμορφος *anthrōpómorphos*. 1. adj. Que tiene forma o apariencia humana. 2. adj. Zool. Dicho de un mono: Del grupo de los catarrinos y sin cola; p. ej., el chimpancé, el gorila o el orangután, etc. U. t. c. s. m., en pl. como *taxón*.» (*Diccionario de la lengua española* [= *Diccionario de la Real Academia Española*], 23.^a ed.: s.v.)¹⁸

4. Conclusões

Desde há uns poucos decénios, no castelhano de Espanha, incluindo o próprio do ensino e divulgação da ciência, está generalizado o uso gratuitamente disruptivo, empobrecedor e disfuncional da palavra *simio* com o sentido restritivo de ‘macaco antropoide’, quando o seu significado genuíno, tradicional e funcional —como acontece em português— é o de ‘macaco’ —*simio* é sinónimo erudito de cast. *mono* ‘macaco’—. Tal deturpação tem ficado a dever-se, principalmente, a uma tradução errada da palavra inglesa *ape* ‘macaco antropoide’ —complementar de *monkey* [s.s.] ‘macaco não antropoide’—, cuja difusão social recebeu em Espanha um forte impulso através dos sucessivos filmes da franquia *El planeta de los simios*, nos quais o original *ape* sempre é vertido para castelhano como *simio*, e *monkey* como *mono*. Se bem que não com os efeitos devastadores que o fenómeno apresenta no âmbito de fala castelhana, o «magnetismo exorbitante» que, na sua simplicidade e especificidade, o termo inglês *ape* exerce sobre o tradutor também origina com alguma frequência soluções tradutivas pouco satisfatórias em Portugal e no Brasil, deficiências que se têm feito extensivas aos dicionários bilingues que combinam o português com o inglês.

A agravar ainda mais o problema da difusão em castelhano da redefinição gratuitamente disruptiva, empobrecedora e disfuncional da palavra *simio* aqui explicada, a Real Academia Española, cedendo perante um uso popular surgido do desleixo ou da incompetência técnica de alguns tradutores e redatores, na versão mais recente do seu dicionário (*Diccionario de la lengua española*, 23.^a ed., 2014) eliminou a definição correta de *simio* que constava da edição anterior e, no seu lugar, introduziu uma nova que reflete a adulteração aqui focalizada¹⁹. Este proceder lexicográfico se, por um lado, se afigura, em princípio, impróprio de uma instituição pública que, como a Real Academia Española, detém a douta categoria de academia filológica oficial, que deve velar pela vernaculidade e pela boa funcionalidade de uma língua de cultura de projeção internacional, por outro lado, nesta altura, não pode estranhar as pessoas algo avisadas.

Com efeito, em agudo contraste com a perceção social largamente dominante em Espanha, conforme a qual o dicionário da Real Academia Española representa o cúmulo da excelência lexicográfica e a referência suprema em matéria lexical, a realidade objetiva, patenteada por um exame crítico minimamente



atento, é que o dicionário académico espanhol, na sua versão atual, constitui uma obra deficiente que não resiste à comparação com a maior parte dos dicionários gerais de referência homólogos das diversas línguas europeias, como o *Shorter Oxford English Dictionary* ou o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Além disso, e numa ligação direta com a questão léxico-semântica aqui analisada, cabe dizer que um dos capítulos mais deploravelmente deficientes do dicionário académico espanhol é o tratamento que ele dispensa ao vocabulário técnico e cien-

tífico —no seu sentido mais amplo—, como pode apreciar-se, por exemplo, nas contínuas e justificadas «queixas» que o magnífico repositório de Navarro (2005: *passim*) exprime contra a resignada validação que o dicionário académico espanhol tem efetuado de inúmeros anglicismos gratuitos e daninhos²⁰, ou o fundamentado trabalho de Garrido (2012) sobre os vocábulos designativos de grupos zoológicos²¹. Para afixarmos esta ideia, que talvez surpreenda os leitores menos familiarizados com a lexicografia, e para concluirmos o presente trabalho, não resistimos a citar aqui, enfim, as esclarecedoras apreciações do helenista Javier López Facal:

P[ergunta de Alicia Rivera]. No habrá ningún diccionario que recoja todas las palabras y acepciones. / **R[esposta** de Javier López Facal]. No, claro. Los diccionarios tienen que ser selectivos. La cuestión está en los criterios de selección. Muchos españoles creen que el diccionario de la RAE es el mejor que hay, pues bien, es exactamente el peor. Es peor comparado con el equivalente francés, italiano, portugués, alemán[,] inglés... no así la gramática ni la base de datos de la RAE, que son probablemente mejores que las equivalentes de otros países, o al menos equiparables. [...] **P.** Si una persona utiliza en un examen la acepción de la palabra *marrón* que recoge el diccionario de Seco pero no el de la RAE, ¿cabe considerar que no es castellano correcto? / **R.** Es un vicio contra el que vengo luchando desde hace años. Explico en el libro [López Facal, 2010] que si alguien va por el campo, ve una hierba, consulta un libro de botánica y no viene, no se le ocurre decir que esa hierba no existe, sino que esa hierba no está en su libro de botánica. Nadie puede decir a un hispanoparlante “esta palabra no existe”. Se puede decir que no está en el diccionario... pero la culpa no la tengo yo por usar la palabra sino el diccionario por no reflejar bien el léxico. Mucha gente cree que el diccionario de la RAE es como los mandamientos de la ley mosaica y que si los incumples vas al infierno. (Rivera, 2011)

Hemos visto cómo tanto en Italia como en Francia sus respectivos diccionarios académicos empezaron pronto a ser criticados por sus excesos puristas y por el tratamiento exageradamente selectivo del léxico [...]. [...] En España no ocurrió este fenómeno porque, a pesar de los excelentes diccionarios realizados al margen de o a partir del de la RAE[,] como, por ejemplo, el del valenciano Vicente Salvá (París, 1846), el de Julio Casares (Madrid, 1942), el de María Moliner (Madrid, 1966) o el de M. Seco, O. Andrés y G. Ramos (Madrid, 1999), el diccionario de la Real Academia Española siguió siendo percibido por los usuarios como la única y verdadera autoridad en la materia, aunque sea más incompleto y menos coherente que cualquiera de los cuatro ejemplos mencionados, y aunque conserve todavía un inconfundible olor a naftalina. [...] Pues bien, en su ya larga historia, la Academia ha hecho sólo un diccionario de nueva planta, es decir, partiendo de cero, el conocido como *Diccionario de autoridades* (seis volúmenes, 1726–1739) y, probablemente,

es éste el mejor de todos los que ha hecho la docta institución. A partir de él, la Academia se ha limitado a una repetitiva labor de ampliación, parcheo y mantenimiento, cuyo resultado actual no está ni a la altura de los tiempos (es decir, no resiste la comparación con diccionarios ingleses, norteamericanos, franceses, italianos o portugueses/brasileños similares), ni a la altura de su espectacular *Gramática*, o de lo que promete su inminente *Ortografía*. / A día de hoy la Academia no carece de medios financieros y cuenta, además, con un equipo de lexicógrafos del máximo nivel profesional. ¡Olvídese, pues, en buena hora, de seguir con esas mezquinas labores de parcheo interminable y, tras la próxima 23.^a edición, póngase ya a hacer, de una vez, un diccionario de nueva planta, digno del siglo XXI! (López Facal, 2010: 88–90)

Notas

1. Eis as abreviaturas e siglas utilizadas no presente artigo: adj.: adjetivo; al.: alemão; cast.: castelhano ou espanhol; cf.: *confer*; DLE: *Diccionario de la lengua española* (da Real Academia Española); DRAE: *Diccionario de la Real Academia Española*; *Enc. Brit.*: «*Micropædia*» da *The New Encyclopædia Britannica*; fem.: género feminino; fr.: francês; gr.: grego; ingl.: inglês; masc.: género masculino; port.: português; *Sci. Am.*: *Scientific American*; s.l.: *sensu lato*; s.s.: *sensu stricto*; subst.: substantivo; s.v.: *sub voce*.
2. «Nei Lopes lembra o quingua *makako* ‘pequeno símio’, tb. atribuído ao lingala, e o quic[on]g[o]. (vili ou cabinda) *makaku* pl. de *kaku* ou *kaaku* [‘pequeno símio’]» (dicionário *Houaiss*, s.v. “macaco”).
3. Em português, portanto, não se pode utilizar a palavra *macaco* com o sentido restrito que *macaco* tem em castelhano, ou *macaque* em inglês. Embora cada uma das espécies de macacos do género *Macaca* disponha de nome vernáculo em português (como *macaco-reso* [*Macaca mulatta*], *macaco-berbere* ou *macaco-de-Gibraltar* [*M. sylvanus*], *macaco-japonês* [*M. fuscata*], *macaco-cauda-de-leão* ou *uanderu* [*M. silenus*], etc.), nessa língua não está disponível uma denominação vernácula que as designe no seu conjunto, e a proposta do dicionário *Houaiss* de se denotar em português o género *Macaca* com a denominação paracientífica *macaca* (s.v. “*macaca*”) não parece revelar-se funcional (ao confundir-se com uma denominação vernácula). Assim sendo, e à falta de um eventual neologismo mais bem-sucedido que o do dicionário *Houaiss*, apenas cabe recomendar em português equivalências interlinguísticas do tipo cast. *macacos* / ingl. *macaques* > port. «macacos do género *Macaca*», com recurso, em português, à correspondente denominação científica.
4. De resto, a definição de *macaco*, enquanto conceito zoológico, que oferece o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa (s.v. “*macaco*”) é muito deficiente: «*Zool.* Nome comum dado aos mamíferos da ordem dos primatas [correto: «da ordem Pri-

matas] e especialmente aos das subordens dos platirríneos [correto: «e da infraordem Simiiformes» / «e das parvordens Platirrinos e Catarrinos»], de corpo peludo, face nua, cérebro desenvolvido, membros inferiores mais curtos que os superiores [nem sempre verdade!], mãos e pés terminados por dedos, muito ágeis e desenvoltos».

5. O indicado é o valor semântico tradicional e genuíno da palavra castelhana *simio*, tal como o regista a 22.^a edição do DRAE (2001); que não transcrevamos aqui a definição de *simio* presente na edição mais recente deste dicionário, a 23.^a, de 2014, em que a obra já se denomina *DLE* (*Diccionario de la lengua española*), obedece a uma boa razão, que será explicada numa secção posterior deste trabalho.
6. Estratégia designativa, esta, que, de facto, também seguem o francês (*singe anthropoïde*) e o alemão (*Menschenaffe* [*< Mensch* ‘ser humano’ + *Affe* ‘macaco, símio’]).
7. Na bibliografia vê-se ocasionalmente o uso do termo *grande(s) símio(s)* (fr. *grands singes*) em referência aos macacos antropoides, mas esse termo não é correto por duas razões: em primeiro lugar, porque é necessário distinguirmos entre *grandes macacos*, ou *símios*, *antropoides* (os orangotangos, gorilas e chimpanzés: ingl. *great apes*, al. (*Große*) *Menschenaffen*) e *pequenos macacos*, ou *símios*, *antropoides* (os gibões: ingl. *lesser apes* = *smaller apes*, al. *Kleine Menschenaffen*), o que se revela terminologicamente incompatível com aquela solução (**grandes/pequenos grandes símios*); em segundo lugar, porque há espécies de símios não antropoides em que o tamanho médio dos adultos (de um dado sexo) é superior ao próprio de algumas espécies de símios antropoides (por exemplo, mandril, *Mandrillus sphinx*: ♂♂: média de 32,3 kg e até 54 kg / ♀♀: média de 12,4 kg; dril, *Mandrillus leucophaeus*: ♂♂: até 50 kg / ♀♀: até 12,5 kg; babuíno-chacma, *Papio ursinus*: ♂♂: 21–45 kg / ♀♀: 12–25 kg; frente a gibão-de-mãos-brancas, *Hylobates lar* [extremo inferior entre os gibões]: ♂♂: 4–7 kg / ♀♀: 3–6 kg; siamangue, *Symphalangus syndactylus* [extremo superior entre os gibões]: ♂♂: até 12 kg / ♀♀: até 11 kg).
8. Não incluímos neste ponto as equivalências propostas por dicionários gerais de inglês/português e de inglês/espanhol por uma boa razão, que explicaremos na seguinte secção deste trabalho.
9. Mais um argumento em favor da denominação *Simiiformes* ou *Simiae* é que esta (= *símios*) se revela, de forma prática, nominalmente complementar de *prossímios* (embora o grupo dos prossímios deva ser hoje redefinido, à vista dos conhecimentos atuais da sistemática zoológica, como grupo não taxonómico, não monofilético, e integrado pelos estrepisírrinos e pelos társios: v. tabela).
10. Ocorre *disjunção diferencial* quando, num par de línguas, a designação de uma dada noção é efetuada, numa delas, mediante um vocábulo, enquanto na outra língua tal designação fica coberta pela adição da esfera designativa de dois ou mais vocábulos.
11. O dicionário especializado inglês/espanhol de Navarro (2005: s.v. “*monkey*”) sim oferece equivalências completamente corretas de *ape*, *monkey* e *simian*.

12. Esse *magnetismo exorbitante* do termo inglês de constituição simples *ape* mesmo se deixa sentir no alemão, como testemunha o seguinte trecho, em que, com toda a probabilidade, a designação do ingl. *ape* ‘macaco antropoide’ (= al. *Menschenaffe*) foi indevidamente trasladada para o termo alemão *Affe* ‘macaco’:

Evolutionsbiologie: 266: «Wie der DNA-Sequenzstammbaum der Primaten zeigt, ist der Mensch mit den afrikanischen Affen (Schimpansen, Gorillas) **näher verwandt als jene mit den südwestasiatischen** Orang-Utans (s. Abb. 7.13, S. 183).»

Biologia Evolutiva: 417: «Como é claro na árvore filogenética dos Primatas baseada na sequenciação do ADN, o ser humano está mais estreitamente aparentado com os símios antropoides africanos (chimpanzés, gorilas) do que estes com os orangotangos do sudeste asiático (ver Figura 7.13).»

COMENTÁRIO: Correção no texto de chegada de dois erros presentes no original: não se trata em geral de símios ou macacos africanos (al. «afrikanischen Affen»), mas só de *símios antropoides* (*Menschenaffen*); o orangotango vive no extremo sul-oriental da Ásia (*südostasiatisch*), não no ocidente (*west*)!

13. Em interessante contraste, o romance de Edgar Rice Burroughs *Tarzan of the Apes*, publicado pela primeira vez em 1912, foi vertido para castelhano com o título *Tarzán de los monos* (e em Portugal como *Tarzan dos Macacos*).
14. Curiosamente, também na versão brasileira deste filme, apesar de se intitular *Planeta dos Macacos*, se regista (com pequenas variantes entre a dobragem e as legendas) a mesma solução tradutiva inadequada: «[Fala um ser humano:] — Macacos falantes não existem OU não podem existir! / [Fala um macaco antropoide:] — Símios! (Os Macacos ficam lá embaixo OU estão muito abaixo na escala evolutiva!». Nesta série de filmes (e livros), em que se dá uma inversão de papéis entre orangotangos, gorilas e chimpanzés, por um lado, e seres humanos, por outro, é claro que não poderiam utilizar-se, como tradução de *ape*, os termos cast. *simio antropoide* ou *mono antropoide* / port. *símio antropoide* ou *macaco antropoide*, mas sim outras soluções que não violentam os valores genuínos das palavras, como, por exemplo, cast. «[Fala um ser humano:] — Vosotros los monos... / [Fala um macaco antropoide:] — ¡Monos superiores!» | port. «[Fala um ser humano:] — Macacos falantes não podem existir! / [Fala um macaco antropoide:] — Macacos superiores! Os simples macacos ficam muito abaixo na escala evolutiva!».
15. Em correspondência com os anteriores ex. [2–5a], a seguir transcrevemos a tradução espanhola publicada na revista *Investigación y Ciencia* dos trechos respigados da *Sci. Am.* (vê-se aqui que as equivalências de *ape* e de *monkey* [s.s.] estão erradas nos ex. [2b] e [4b] e são subótimas no ex. [5b]):
- [2b] *Investigación y Ciencia*, 2/2016: 28: «Los primeros símios evolucionaron hace unos 26 millones de años, probablemente en el este de África, a partir de un

ancestro común suyo y del resto de primates. Esos símios, el más conocido de los cuales es *Proconsul*, eran cuadrúpedos y arborícolas, de forma similar al resto de los monos, pero poseían un cuerpo grande, sin cola, y un cráneo y un cerebro más voluminosos.»

- [3b] *Investigación y Ciencia*, 11/2018: 16: «Al copiar, los símios adquieren diversas técnicas para alimentarse, desde extraer larvas de la corteza de los árboles hasta usar palos para atrapar termitas.»
- [4b] *Investigación y Ciencia*, 11/2018: 17: «Si representamos estas medidas de inteligencia sobre el árbol genealógico de los primates, vemos que la evolución de una inteligencia superior se desarrolló de forma independiente en cuatro grupos: capuchinos, macacos, babuinos y grandes símios; especies bien conocidas por su capacidad de aprendizaje social y sus tradiciones.»
- [5b] *Investigación y Ciencia*, 11/2018: 48: «Nuestro cerebro es unas tres veces más voluminoso que el de nuestros primeros ancestros homínidos y el de los símios antropomorfos vivos.»
16. Esta tradução espanhola é paralela à tradução portuguesa do anterior ex. [8] (na comparação entre os dois trechos, vê-se que a tradução de ingl. *ape* é mais correta na versão portuguesa). Um exemplo adicional, e significativo, do uso disruptivo e deturpado em cast. de *simio* ‘macaco antropoide’ é a expressão *Proyecto Gran Simio* que se está a utilizar habitualmente em Espanha como equivalente do ingl. *Great Ape Project* (v., p. ex., *Wikipedia-es*, s.v.), e cuja tradução correta seria *Proyecto Gran Antropoide*. Em sentido genuíno, e em rigor, a expressão castelhana *gran simio*, se há de incluir — como é o caso do *Great Ape Project* — o bonobo ou chimpanzé-anão (*Pan paniscus*), cujos machos pesam 34–60 kg, também pode e deve incluir, de facto, o mandril (*Mandrillus sphinx*), símio cujos machos pesam em média 32,3 kg e alcançam 54 kg, e o dril (*M. leucophaeus*), símio cujos machos atingem 50 kg (inclusão, esta, que, na realidade, não faz o *Great Ape Project*!).
17. Por seu turno, os autores do dicionário *Houaiss*, s.v. “1mono” (v. tb. *supra* “antropóide⁵”), resolveram introduzir em português um uso de *mono* no sentido restrito de ‘macaco antropoide’: «[...] 1 MASTZOO design. comum aos macacos em geral e, em particular, aos primatas antropóides, destituídos de cauda e dotados de longos braços, como o chimpanzé, o orangotango, o gorila e os gibões.». Esta solução não se revela tão empobrecedora e disfuncional como a de redefinir *simio/símio* enquanto ‘macaco antropoide’ (afinal de contas, em português, *mono* é um sinónimo popular, secundário e não produtivo de *macaco*), mas, em qualquer caso, pelas razões acima aduzidas, também se nos afigura desnecessária. De resto, tal proposta neológica não parece ter tido sucesso na bibliografia zoológica e não é reconhecida, s.v. “mono”, nos restantes dicionários de referência da língua portuguesa.
18. Observe-se, também, a baixa qualidade da definição fornecida s.v. “antropomorfo”, já que há alguns macacos catarrí-

- nos destituídos de cauda que não são macacos antropomorfos, como o macaco-berbere (*Macaca sylvanus*).
19. Além do mais, esta recente alteração da definição de *simio* incorporada ao dicionário da RAE revela-se patentemente insolidária com o assinalado por bons dicionários atuais de língua espanhola, como os bilingues antes referidos e, sobretudo, como o unilingue de Seco, Andrés e Ramos, cuja segunda edição é de 2011. Este dicionário, como é natural, avaliza o valor semântico tradicional e funcional de *simio*, priorizando, na redação das definições pertinentes, *antropomorfo* como termo descritivo, e *antropoide*, sinonimizado com *antropoideo*, como termo taxonómico: «**bonobo m** (Zool) Simio antropomorfo africano [...]» / «**chimpancé 1**. Simio antropomorfo africano [...]» / «**gibón m** Se da este n[ombre] a distintas especies de monos antropomorfos [...]» / «**gorila m 1**. Mono antropomorfo [...]» / «**orangután-na** [...] **1**. Mono antropomorfo [...]» / «**1mono -na** [...] **1**. Animal simio.» / «**simio -mia adj** (Zool) (Primate) antropoide. T[am]b[ién] n[ombre]; frec[uentemente] m[ascu]lino en pl[ural], designando este taxón zoológico || Ybarra-Cabeta *Ciencias* 393: En la actualidad, ... los primates quedan reducidos a los prosimios o lemures y los simios o monos, dejando aparte el hombre.» / «**antropoide** [...] **2**. (Primate) caracterizado por tener la cavidad orbitaria cerrada y la cavidad craneal muy amplia. Tb. n; frec m en pl designando este taxón zoológico.» / «**antropoideo -a adj**. Antropoide (1 y 2)».
20. Por exemplo, s.v. “malnutrition”: «Para quienes otorguen primacía al criterio de frecuencia de uso, puede ser interesante saber que, debido a la presión del inglés, el término ‘malnutrición’ está en español tan difundido en los textos especializados que la RAE lo admitió en el 2001 y son muy pocos los revisores que se atreven a corregirlo en un texto para publicación».
21. Mais um testemunho nesse sentido, breve mas eloquente, é o seguinte: «**Criticism / Inaccuracy** / Some entries in the dictionary [o DLE] do not reflect current scientific understanding. An example is the definition of *dinosaurio* (‘dinosaur’), which refers only to sauropodomorphs.» (Wikipedia-en: s.v. “Diccionario de la lengua española”; data de consulta: 3.2.2019). **Diccionario de la lengua española, 23.ª ed., s.v. “dinosaurio”**: «Reptil fósil de gran tamaño, con cabeza pequeña, cuello largo, cola robusta y larga, y, en general, extremidades posteriores más largas que las anteriores».

5. Bibliografía

5.1. Referências citadas

- Allaby, Michael (2014): *Oxford Dictionary of Zoology* (4.ª ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Bruce, Jenni, Karen McGhee e George McKay (2005/2007): *Enciclopédia dos Animais – Mamíferos: Um Guia Visual Completo* (Tradução para português de *The Encyclopedia of*

- Mammals* por Sofia Gomes, com rev. de Filipe Machado). Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Bruce, Jenni, Karen McGhee, Luba Vangelova e Richard C. Vogt (2008): *The Encyclopedia of Animals: A Complete Visual Guide*. Oakland (Califórnia): University of California Press.
- Burnie, David (dir.) (2001/2002): *Grande Enciclopédia Animal* (Tradução para português de *Animal* por Sofia Gomes, com rev. de Filipe Machado). Porto: Dorling Kindersley/Civilização Editores.
- Cooke, Fred, Hugh Dingle, Stephen Hutchinson, George McKay, Richard Schodde, Noel Tait e Richard Vogt (dir.) (2008/2017): *Enciclopedia National Geographic de los animales* (2.ª ed.; tradução anónima para espanhol de *The Encyclopedia of Animals: A Complete Visual Guide*). Barcelona: RBA Libros.
- Garrido, Carlos (2012): «Análise do tratamento lexicográfico dos táxones zoológicos nos dicionários gerais de referência das línguas portuguesa e espanhola», *Revista de Lexicografia*, xviii: 39-76.
- Garrido, Carlos (2016): *A Tradução do Ensino e Divulgação da Ciência*. Vigo: Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo.
- Hoffstetter, Robert (1974): «Phylogeny and geographical deployment of the Primates», *Journal of Human Evolution*, 3 (4): 327-350.
- López Facal, Javier (2010): *La presunta autoridad de los diccionarios*. Coleção «¿Qué sabemos de?». Madrid: Ediciones CSIC/Catarata.
- Mann, Alan e Mark Weiss (1996): «Hominoid Phylogeny and Taxonomy: a Consideration of the Molecular and Fossil Evidence in an Historical Perspective», *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 5 (1): 169-181.
- Navarro, Fernando A. (2005): *Diccionario crítico de dudas inglés-español de medicina* (2.ª ed.). Madrid: McGraw-Hill/Interamericana.
- Paul, Andreas (2003): «Primaten», *Lexikon der Biologie: s.v. Heidelberg*: Spektrum Akademischer Verlag.
- Rivera, Alicia (2011): «La Real Academia sigue haciendo un diccionario arcaico, como del siglo xviii [Entrevista ao lexicógrafo Javier López Facal]», *El País*, versão internetica, 4.3.2011. <https://elpais.com/cultura/2011/03/04/actualidad/1299193207_850215.html> [consulta: 2.II.2019].

5.2. Dicionários e fontes dos exemplos

- Academia das Ciências de Lisboa (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Álvarez, Teresa e Kerry Ferguson (dir.) (2016): *Collins Spanish-English, English-Spanish Dictionary / Collins Diccionario español-inglés, inglés-español* (10.ª ed.). Glasgow: Collins.
- Arsuaga, Juan Luis (2010): «In Memoriam. Morris Goodman, el científico que descubrió que somos simios», *El País*, 21.11.2010: 54 (seção «Obituários»).
- Bruce, Jenni, Karen McGhee e George McKay (2005/2007): *Enciclopédia dos Animais – Mamíferos: Um Guia Visual*

- Completo. Tradução para português de *The Encyclopedia of Mammals* por Sofia Gomes, com rev. de Filipe Machado. Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Bruce, Jenni, Karen McGhee, Luba Vangelova e Richard C. Vogt (2008): *The Encyclopedia of Animals: A Complete Visual Guide*. Oakland (Califórnia): University of California Press.
- Burnie, David (dir.) (2001/2002): *Grande Enciclopédia Animal*. Tradução para português de *Animal* por Sofia Gomes, com rev. de Filipe Machado. Porto: Dorling Kindersley/Civilização Editores.
- Cooke, Fred, Hugh Dingle, Stephen Hutchinson, George McKay, Richard Schodde, Noel Tait e Richard Vogt (dir.) (2008/2017): *Enciclopedia National Geographic de los animales* (2.ª ed.). Tradução anónima para espanhol de *The Encyclopedia of Animals: A Complete Visual Guide*. Barcelona: RBA Libros.
- De Gámez, Tana (1973): *Simon and Schuster's International Dictionary English-Spanish, Spanish-English / Diccionario internacional Simon and Schuster inglés-español, español-inglés*. Nova Iorque: Prentice Hall.
- Departamento de Dicionários da Porto Editora (2004): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Departamento de Dicionários da Porto Editora (2009a): *Dicionário Editora de Alemão-Português* (2.ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Departamento de Dicionários da Porto Editora (2009b): *Dicionário Editora de Inglês-Português* (5.ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Encyclopædia Britannica (1994): *The New Encyclopædia Britannica* (15.ª ed.). Chicago: Encyclopædia Britannica.
- Frankenberg-Garcia, Ana e Helen Newstead (2015): *Oxford Portuguese Dictionary: Portuguese-English, English-Portuguese / Dicionário Oxford de Português: Português-Inglês, Inglês-Português*. Oxford: Oxford University Press.
- García-Pelayo y Gross, Ramón (dir.) (1991): *Gran diccionario Larousse inglés-español, español-inglés*. Barcelona: Larousse.
- Hoepner, Lutz, Ana Maria Cortes Kollert e Antje Weber (2001): *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch: Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch / Dicionário de Bolso Português Langenscheidt: Português-Alemão, Alemão-Português*. Munique: Langenscheidt.
- Houaiss, Antônio, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Mello Franco (dir.) (2002): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editorial Objetiva.
- Janson, Tore (2012): *The History of Languages: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Janson, Tore (2012/2018): *A História das Línguas: Uma Introdução*. Tradução para português de *The History of Languages: An Introduction* por Fernando Vasques Corredoiira, com prólogo de João Veloso. Santiago de Compostela: Através Editora.
- Johnson, Richard J. e Peter Andrews (2015): «The Fat Gene», *Scientific American*, 10: 54-59.
- Johnson, Richard J. e Peter Andrews (2015/2016): «El gen de la obesidad», *Investigación y Ciencia*, 2: 28-33. Tradução para espanhol de Carlos Lorenzo.
- Kardong, Kenneth V. (2002): *Vertebrates: Comparative Anatomy, Function, Evolution* (3.ª ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Kardong, Kenneth V. (2009/2011): *Vertebrados: Anatomia Comparada, Função e Evolução*. Tradução para português de *Vertebrates: Comparative Anatomy, Function, Evolution* (5.ª ed.) por Sônia Maria Marques Hoenen. São Paulo: Editora Roca.
- Kutschera, Ulrich (2008): *Evolutionsbiologie* (3.ª ed.). Estugarda: Eugen Ulmer Verlag.
- Kutschera, Ulrich (2008/2013): *Biologia Evolutiva*. Tradução para português de *Evolutionsbiologie* (3.ª ed.) por Carlos Garrido Rodrigues. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Laland, Kevin (2018): «How We Became a Different Kind of Animal. An Evolved Uniqueness», *Scientific American*, 9: 24-31.
- Laland, Kevin (2018/2018): «Así nos convertimos en un animal diferente: la evolución de nuestra excepcionalidad», *Investigación y Ciencia*, 11/2018: 13-19. Tradução para espanhol de Marián Beltrán.
- Müller, Anette (dir.) (2010): *Langenscheidt Handwörterbuch Spanisch: Spanisch-Deutsch, Deutsch-Spanisch / Langenscheidt Diccionario Grande Alemán: Español-Alemán, Alemán-Español* (2.ª ed.). Munique: Langenscheidt.
- Real Academia Española (2014): *Diccionario de la lengua española* (23.ª ed.). Em <www.rae.es> [consulta: 1.II.2019].
- Rollin, Nicholas e Carol Styles Carvajal (dir.) (2008): *The Oxford Spanish Dictionary Spanish-English, English-Spanish / Gran diccionario Oxford español-inglés, inglés-español* (4.ª ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Seco, Manuel, Olimpia Andrés e Gabino Ramos (2011): *Diccionario del español actual* (2.ª ed.). Madrid: Aguilar.
- Sherwood, Chet C. (2018): «Are We Wired Differently? Parts of the brain involved in language and cognition have enlarged greatly over an evolutionary timescale», *Scientific American*, 9: 52-55.
- Sherwood, Chet C. (2018): «¿En qué se distingue nuestro cerebro?», *Investigación y Ciencia*, 11: 48-51. Tradução para espanhol de Gonzalo Claros.
- Slabý, Rudolf J., Rudolf Grossmann e Carlos Illig (2009): *Diccionario de las lenguas española y alemana. Tomo II, Alemán-Español* (6.ª ed.). Barcelona: Editorial Herder.
- Smith, Colin (dir.) (1988): *Collins Spanish-English, English-Spanish Dictionary / Collins Diccionario español-inglés, inglés-español* (2.ª ed.). Glasgow/Barcelona: Collins/Grijalbo.
- Stevenson, Angus (dir.) (2007): *Shorter Oxford English Dictionary* (6.ª ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Trevisan, Rosana (coord.) (2004): *Michaelis: Moderno Dicionário Inglês-Português, Português-Inglês* (5.ª ed.). São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- Whitlam, John, Vitoria Davies e Mike Harland (dir.) (1991): *Collins Portuguese Dictionary. English-Portuguese, Portuguese-English*. Glasgow: Harper Collins Publishers.